

AUTO-EROTISMO: UM VAZIO ATIVO NA CLÍNICA CONTEMPORÂNEA

Eliana Schueler Reis

Mestre em teoria psicanalítica pela UFRJ; doutora em saúde da mulher e da criança pelo Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz. Professora do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica do IBMR; psicanalista, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos.

RESUMO: Explora-se a noção de auto-erotismo como virtualidade problemática que se atualiza em diversos regimes de eroticidade sem jamais ser preenchido por eles, como um plano de experiência do qual emana a potência de agir e devir. Para contribuir com a discussão sobre os movimentos subjetivos presentes nos processos de cura na atualidade, utilizam-se as noções de “afetos de vitalidade”, “sentir com”, “corpo sensível” e “pequenas percepções”, com base nos trabalhos de Sandor Ferenczi, Daniel Stern e José Gil. Estas noções implicam na desestabilização dos estados conhecidos e reconhecíveis do mundo percebido e uma disposição para a dissolução do eu. Proponho pensar a experiência transferencial como espaço atravessado por fluxos de forças que poderão criar novos modos de ser erógeno.

Palavras-chave: Auto-erotismo, transferência, pequenas percepções, corpo sensível.

ABSTRACT: Self-eroticism: an active vacuum in contemporary clinics. This work explores the notion of self-eroticism as a problematic virtuality which realizes itself in various forms of erogeneity without ever being replenished by them; it realizes itself as a plan of experience from which emanates the power to act and to become. I use the notions of “vitality affects”, “to feel with”, “sensitive body” and “small perceptions”, from the theoretical work of Daniel Stern, Sandor Ferenczi and José Gil. In order to add a contribution to the debate over subjectivation movements present in contemporary psychotherapeutical processes. These notions imply the destabilization of known and recognizable states of the perceived world and in a disposition for the dissolution of the “Ego”. I propose to think the experience of “transference” as a space crossed by fluxus of forces which are able to produce new ways of being erogenous.

Keywords: Self-eroticism, transference, small perceptions, sensitive body.

A idéia da virtualidade é evocada mais comumente em oposição ao real — realidade virtual igual a algo que se dá num espaço existente fora da materialidade dos corpos. No entanto, o virtual, palavra derivada do latim *virtus*, significando força, potência, não se opõe ao real, mas se define como o que existe em potência em vias de se atualizar num devir, remetendo a uma temporalidade que se desdobra em acontecimentos (LEVY, 1997). É neste sentido que Pierre Levy define o virtual como um vácuo ativo no qual se dá um salto em direção à formulação de uma verdade (idem, p.148). Relacionando corpo e virtualidade, pretendemos pensar esta dimensão de transformação da potência em ato, pois o virtual não é o que já existe como possível, mas o complexo problemático que clama por uma resolução (idem, p.16).

Partindo desta definição, nos remetemos à noção de auto-erotismo que define, na psicanálise, um regime de intensidades pulsionais. Aquilo que, na existência originária dos corpos, marca a especificidade da experiência humana de si e do outro. No sentido que pretendo explorar, o auto-erotismo será pensado como um vazio ativo sensório que se atualiza em diversos regimes de eroticidade sem jamais ser preenchido por eles, permanecendo como um tempo do qual emana a potência de agir e devir.

O auto-erotismo será tematizado, aqui, com vistas a relacionar as dimensões de corpo e virtualidade na experiência clínica contemporânea, em que um certo regime de parcialidade se faz presente nas formas mais comuns e atuais de expressão do sofrimento, tais como dissociações, compulsões, relações de adição a objetos e depressões. Um questionamento sobre o manejo desses aspectos vem se tornando premente no exercício da clínica psicanalítica, não só pela frequência dessas manifestações, mas também porque o discurso da biomedicina, aliado à psicofarmacologia, oferece, cada vez mais, uma via totalizante para a compreensão dessas manifestações, eliminando a necessidade de um questionamento pessoal. No entanto, percebe-se que este tipo de resposta, ao se fazer na exterioridade da experiência subjetiva, acentua a tendência defensiva de alheamento de si característica nessas manifestações.

Acreditamos que a noção de auto-erotismo pensada como vazio ativo em sua potência de transformação fornece uma pista para a compreensão dos movimentos corporais e expressivos que se apresentam, às vezes, sob formas disruptivas na relação transferencial. O auto-erotismo é compreendido, então, não como a negação da presença do outro, mas como um estado de potência pulsional, em que a alternância entre prazer / desprazer se atualiza no contato do bebê com o mundo, com os coletivos que delimitam certas formas de ser e marcam seu corpo, fazendo dele um corpo humano. Criando modos de ser erógeno. Neste trabalho, partimos do plano de parcialidades das pulsões auto-eróticas para pensar a produção de subjetividade, propondo uma

concepção de natureza que não é exterior ao humano, sendo antes, constitutiva da existência subjetiva.

Recuando um pouco em relação à vida do bebê, vamos pensar no regime pulsional, ou na economia energética do feto humano. Com a utilização do ultra-som no acompanhamento pré-natal, sabemos hoje que o feto faz experiências como provar o líquido amniótico, tatear as paredes do útero, assim como o cordão umbilical, dar cambalhotas e chupar o dedo. Boris Cyrulnik, psicanalista e etólogo, cujas pesquisas voltam-se para as formas mais originárias de relação afetivas, enquanto campo de produção de sentido, assinala que o feto, além desses movimentos, absorve o perfume do corpo da mãe, percebe sonoridades e reage a elas (CYRULNIK, 1989). Ele dorme e sonha, e seus sonhos alimentam-se das informações sensoriais de sua vida de vigília (idem, 1995). Cyrulnik considera que aí se inicia um existência psíquica minimamente organizada em torno das percepções de prazer / desprazer advindas de sua existência corporal, imerso em um meio ambiente que o afeta criando certas marcas diferenciais (idem).

Cyrulnik comenta que os últimos dois meses de gestação parecem ser um período de preparação para a vida fora do útero. O feto, por volta da 32ª semana, a rigor, já estaria morfológica e fisiologicamente pronto para viver no mundo exterior. Segundo o autor, este último período propiciaria uma série de “ensaios sensoriais”, nos quais haveria uma espécie de preparação para a dimensão intensiva que irá emergir ao relacionar-se com o mundo extra-uterino. Nesse período, em que o feto se torna mais ativo, começa a haver uma dessincronização entre seus próprios ritmos e os ritmos da mãe, iniciando-se uma cisão sensorial entre os dois. Esse descompasso dos ritmos introduz uma dimensão de tempo, um intervalo que emerge como objeto sensorio, estimulando o surgimento de uma dimensão de vida psíquica (idem).

Segundo essa indicação, o último período de vida intra-uterina se situaria num plano mais auto-erótico do que funcional. Seria o período de instauração de uma potencialidade sensoria, cognitiva — no sentido de uma abertura de interesses perceptivos — e relacional: o bebê nasce fadado a se relacionar e está equipado para isso. É importante frisar que o outro a ser constituído a partir do nascimento, não é uma presença pessoalizada e ultrapassa, em muito, a personificação na figura da mãe. Para afirmar isso, estamos considerando a idéia de *mundo ambiente*, assim designado pelo etólogo Jacob von Uexküll como... “o mundo das qualidades experimentadas, com suas cores e formas, os seus sons e aromas, as suas dores e seus prazeres” (PORTMAN, 1933, p. 9).

Uexküll cunhou o termo “mundo ambiente” para definir a dimensão espacial e temporal habitada por um ser vivo (inclusive os seres humanos). Esta dimensão é singular e constituída das qualidades que cada organismo percebe

a partir de sua própria constituição biológica e cognitiva. A formulação “mundo ambiente” substitui a idéia de “meio ambiente” — que pressupõe o ambiente existindo independente das características, e o organismo, então, deveria se adaptar ao ambiente para sobreviver (REIS, 2000). Uexküll definiu que os objetos existem dentro de uma tonalização subjetiva, inteiramente singular, e que sujeito e objeto se constituem conjuntamente, não havendo uma separação de natureza, nem uma anterioridade ontológica e lógica de um em relação ao outro (UEXKÜLL, 1933). Cada indivíduo cria o seu “mundo próprio” a partir das correlações singulares que estabelece com seu mundo ambiente segundo sua estrutura interna, composta de “sinais perceptivos” e de “marcas de ação”. Ou seja, os estímulos são percebidos à medida que fazem sentido para a estrutura interna do indivíduo, seguindo os sinais perceptivos e marcas de ação correspondentes, sejam eles sensoriais, imaginários ou simbólicos (idem, p.38/9-128).

Tendo esses pressupostos teóricos como balizamento, podemos dizer que o registro erógeno do feto implica em um potencial mínimo de sensibilização. Ou seja, a partir da dessincronização dos ritmos do feto e da mãe, instala-se um vazio, o espaço potencial em que vão emergir as primeiras fissuras a serem preenchidas. Com isso, o feto traz para o mundo, ao nascer, a potencialidade, mas não a integração. As mucosas em torno dos orifícios do corpo e a extensão da pele, se constituem, ao nascer o bebê, como zonas de excitação e sensibilização privilegiadas, na medida que são as vias principais de trocas com o mundo extracorporal. Desse modo, o recém-nascido não é uma matéria sem forma; está marcado e traz algum modo de memória de existência sensorial, mesmo que consideremos esta dimensão como protomnêmica e dependendo das experiências relacionais posteriores para se desdobrar em outros processos psíquicos.

A esse registro protomnêmico, podemos associar aquilo que foi definido por Freud como a existência primordial e inicial das pulsões auto-eróticas, às quais seria preciso agregar uma “nova ação psíquica” para dar origem ao narcisismo e ao eu como instância psíquica organizada e organizadora das trocas erógenas com o mundo (FREUD, 1914/1975). Dessa forma, o auto-erotismo se configura, segundo a direção que desejamos tomar nesta argumentação, como uma virtualidade problemática, que, ao manter um estado de excitação clama pela emergência de uma forma — o corpo erogeneizado, libidinal e carregado de sentidos. Corpo que é o espaço e o intervalo de tempo no qual se marca a presença do outro, através de sensações e percepções, que atuam como motores da organização do eu enquanto projeção de uma superfície corporal (FREUD, 1924/1975).

Assim, disso que estamos chamando a virtualidade auto-erótica da vida do feto, vemos que há um salto quântico para o bebê relacional, seduzido a se tornar humano pelos toques, pelos sons, pelas variações de intensidades afetivas

do outro. Porém, não se trata de um salto do “natural” para o humano ou a cultura, pois a ordenação biológica do feto, como foi visto, já faz parte do que será o bebê. A natureza cria condições para a experiência humana. Segundo Daniel Stern, estudioso das formas originárias de constituição subjetiva, desde as primeiras experiências do relacionar-se, a dinâmica criada pelo corpo em suas funções fisiológicas atua como força subjetivadora.

Um exemplo fornecido por ele é o do bebê de aproximadamente seis semanas que fixa o olhar em uma forma ou uma superfície concentrando sobre ela seu “foco de visão” enquanto seu “foco de atenção” pode se desviar, para algo diferente (como em geral acontece, de forma inconsciente, com todos nós). Isto cria, para a visão, ilusões de movimento, de mudança de cor ou de brilho. É um truque resultante da tensão entre visão e atenção. Desse modo, as coisas percebidas começam a “tomar vida”. O bebê vê uma dança. Segundo Stern, “não existem objetos mortos, inanimados ali. Existem diferentes forças em jogo” (STERN, 1991, p.28).

Na verdade, o bebê compartilha sua vitalidade com o ambiente, constituindo assim um mundo próprio, e podemos dizer, portanto, que um funcionamento neurofisiológico, ou seja, natural, cria um espaço em que a potência virtual se atualiza em uma experiência de construção de si e do mundo.

Nesse processo auto-organizador, Stern define quatro modos de organização de eu e de mundo. São eles: “senso de eu emergente”, “senso de eu nuclear”, “senso de eu subjetivo” e “senso de eu verbal” (STERN, 1992). O senso de eu emergente, que corresponde aos primeiros dois meses de vida, aproximadamente, é regido especialmente pela dimensão dos afetos de vitalidade, que são as variações de tonalidades intensivas, inerentes a todos os atos humanos. Stern os nomeia assim porque não estão ligados a conteúdos emocionais, mas à percepção sensível e imediata que temos do outro e que o bebê recém-nascido tem de seu mundo, englobando aí os seus próprios estados de vitalidade. Os afetos de vitalidade não são representações nem têm conteúdo, são as formas sensoriais expressivas dos estados vitais de um ser e estão presentes em todos os estados afetivos categóricos, como *alegria, tristeza, raiva, terror, desânimo, medo*, e outros (idem).

É interessante notar que o termo “senso”, usado na tradução do texto de Stern, não expressa inteiramente a polissemia da palavra inglesa “sense”. Nesta, encontramos a raiz de *sensitive* (sensível) e *sensible* (sensato). Assim, “sense” diz respeito a *sentido, senso, sensação e percepção* (BANTAM, 1967) enquanto “senso” remete principalmente à “*faculdade de apreciar, julgar, entendimento*” (FERREIRA, 1996). É preciso perceber, portanto, que os sentidos de eu emergente e nuclear são dimensões sensorio-afetivas referidas a domínios do relacionar-se que não são superados nem se tornam obsoletos. Segundo Stern:

“O senso de eu nuclear está sempre em fluxo. Está sendo construído, mantido, corroído, reconstituído e dissolvido, e todas essas coisas acontecem simultaneamente. O senso de eu em qualquer momento então, é a rede dos muitos processos dinâmicos formadores e dissolventes. É a experiência de um equilíbrio.” (STERN, 1992, p.179)

Além disso, Stern observa que bebês muito pequenos (a partir de três semanas de vida) são capazes de realizar transposições cruzadas de modos de informações sensoriais, que permitem estabelecer correspondências entre diferentes registros perceptivos. Esta capacidade está na origem das experiências de “sinestesia”¹ e traz para o bebê e a mãe a possibilidade de experimentarem uma “sintonia afetiva”, através dos cruzamentos amodais das sensações provocadas pela diversidade dos afetos de vitalidade, apreendidos de forma instantânea e epidérmica através do tônus muscular, da tonalidades da voz, dos ritmos dos movimentos corporais (STERN, 1992).

Os afetos de vitalidade dizem respeito à variância de modos de estar e de ser. Na repetição das experiências vão emergindo, simultaneamente à variação, algumas formas que se mostram mais constantes, constituindo-se, a partir delas, o que Stern nomeia de “ilhas de consistência” (idem). Ou seja, algumas paisagens subjetivas que se tornam permanentes e se delineiam como matrizes do senso de eu nuclear. Podemos acrescentar que, com a noção de afetos de vitalidade, Stern traz uma dimensão empírica e conceitual que redesenha a compreensão do processo de erogeneização, definido por Freud (1905/1975) no ensaio sobre a sexualidade infantil.

O auto-erotismo, portanto, é a base para o processo de erogeneização, mas diferencia-se deste pelo fato de ser uma experiência originária, fragmentária e parcial, na qual as pulsões não têm outra direção além de sua tendência à descarga pela via mais curta, e também por ser um registro sensório-mnêmico das explorações intra-uterinas. As pulsões auto-eróticas por si sós não se ligam a nada mais do que à sensação, podendo permanecer neste estado de parcialidade. O processo de erogeneização, por sua vez, advém de um outro, desejante e imaginativo, que se faz presente com toques, com palavras, com o olhar, com os afetos dirigidos ao bebê, numa relação marcada pelo sentido.

Stern sugere que nos alimentamos sem cessar da massa primitiva dos afetos de vitalidade. Segundo a abordagem que estamos propondo, esta massa

¹ Verbete ‘sinestesia’, Aurélio Eletrônico: “que dizem respeito à relação subjetiva que se estabelece espontaneamente entre uma percepção e outra que pertença ao domínio de um sentido diferente (p. ex., um perfume que evoca uma cor, um som que evoca uma imagem, etc.” (FERREIRA, 1996).

seria o que emerge da dinâmica que liga as pulsões auto-eróticas ao espaço relacional afetivo.

Além de Stern, encontramos em Ferenczi — um psicanalista sensível à pluralidade originária de intensidades parciais que caracteriza a ação das pulsões, seus investimentos, seus modos de ligação e disjunção — uma compreensão similar sobre as marcas das experiências originárias. Em sua concepção, a criança, depois do nascimento, encontra-se em um estado de dissolução e isto faz com que sua sensibilidade esteja em sintonia com o mundo circundante de modo diferente dos adultos, resultando que todo o seu corpo seja afetado por este contato e não só os pontos demarcados pelos órgãos dos sentidos (FERENCZI, 1932/1990). Podemos pensar que nesse momento da existência ainda não tivessem se constituído filtros que dessem direções mais específicas a essa sensibilidade.

Assim, acompanhando esses autores, podemos considerar o mergulho nesses estados emergentes como algo que nos aproxima da capacidade auto-erótica, parcializada e criadora do corpo. Neste sentido, o corpo, enquanto fonte somática das pulsões, nunca perde totalmente sua dimensão de virtualidade, pois a passagem do auto-erotismo para a sexualização é um processo incessante, no qual vão se atualizando marcas de impressões sensíveis fazendo emergir novas formas. Henri Atlan, biólogo e filósofo, estudioso dos processos de auto-organização lembra...

“... que a totalidade de nós não pode ser conhecida — conscientizada — como força atuante orientada para o futuro, pela simples razão de que ela vai se constituindo à medida que age, de maneira imprevisível, determinada, entre outras coisas, pelas agressões contingentes — mas indispensáveis — do mundo ambiente... O verdadeiro querer, aquele que é eficaz por ser o que se realiza, é inconsciente. As coisas se fazem através de nós. O querer se situa em todas as nossas células, no nível, muito precisamente, de suas interações com todos os fatores aleatórios do ambiente. É aí que o futuro se constrói.” (ATLAN, 1989, p.118-9)

Em *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*, Ferenczi assinalou que cada parte do corpo poderia permanecer em sua atividade autônoma, gozando infinitamente do “prazer de órgão” sem constituir uma unidade corporal. “Tudo se passa como se nenhuma dessas excitações pudesse alcançar seu objetivo final e, tendo chegado a um certo limiar de intensidade, se visse transposta para uma outra forma de erotismo” (FERENCZI, 1924, p.266). E continua dizendo que, no estágio auto-erótico, a pulsão parcial originada das excitações de cada órgão, ou parte do corpo se satisfaz de forma anárquica, sem nenhuma consideração pelo bem-estar do resto do organismo (idem, p.266). O processo de construção

de uma unidade corporal e subjetiva surgida a partir desse estado anárquico primordial é, portanto, incessante, e se faz por toda a vida por um movimento oscilante entre desintrações e intrações pulsionais. Nele, reafirma-se a dimensão erótica como processo de ligação com o mundo e produção de sentidos. Este processo é levado adiante porque a permanência nesse estado de fruição auto-erótica e parcializada levaria, necessariamente, ao esgotamento do potencial de forças, pois se as pulsões auto-eróticas não passassem por um modo de ligação e organização, não seria possível a realização de ações efetivas em direção aos objetos do mundo nem a emergência de uma subjetividade (idem).

Pensando sobre a presença dessa dimensão parcializada, presente na vida adulta, Ferenczi refere-se aos “sintomas transitórios” que ocorrem durante sessões de análise, tomando-os como sinais expressivos de estados de tensão psíquica de ordem transferencial que transbordam para a esfera do corpo. Esses sintomas seriam sinais de uma “regressão caracterial” — uma dissolução provisória das transformações que certos traços de caráter adquiriram ao longo da vida — permitindo uma brusca regressão a um estágio primitivo da vida pulsional infantil. Através dela, aspectos ligados às fixações auto-eróticas (táteis, orais, anais, uretrais e outras) passam a se manifestar no campo transferencial como atividade motora ou alteração sensorial (FERENCZI, 1912/1991).

Ferenczi considera que, da mesma forma como os traços mnêmicos se associam por contigüidade temporal e por similitude, formando representações psíquicas, as intensidades das marcas corporais, que variam segundo as modificações do desenvolvimento biológico e psíquico, também seguiriam associando-se por esses mesmos modos temporais e de semelhança. Nesse processo, denominado “Anfimixia” (FERENCZI, 1924)² realizar-se-iam recombinações dos modos parciais de satisfação para modos mais complexos, sem, contudo, eliminar de todo a dimensão auto-erótica e parcial que permanece como um estado potencial, como um fundo vazio que não se preenche nunca.

A possibilidade da permanência num gozo eminentemente auto-erótico, nos leva a considerar que haveria nesse estado uma presença predominante da tendência disjuntora da pulsão de morte. O que, a rigor, só seria pensável como resultante de um isolamento afetivo e sensorial vivido em períodos muito precoces. Isso se aproxima do que Frances Tustin, em seus trabalhos sobre o autis-

² FERENCZI, S. (1924): anfimixia (anfi+mixis) conceito que expressa, segundo o autor, os diversos planos em que a sexualidade se constitui e é exercida tanto ao nível dos órgãos quanto do psiquismo. A anfimixia aborda o corpo sexuado enquanto organização psíquica dos determinantes biológicos. No entanto, a organização que se dá na cultura implica na criação de um corpo que não se reduz a um “organismo”, mas que tem outros possíveis.

mo, observa nos comportamentos repetitivos das crianças autistas: algo que remete a uma atividade *auto-sensual* não mediada pelo contato corporal, erógeno e afetivo com o outro (TUSTIN, 1990).³

A CLÍNICA

Chegando agora à expressão clínica dessas questões, Ferenczi (1929/1992) refere-se à criança mal acolhida ao nascer, que teria mais dificuldade em passar do plano de dispersão pulsional à construção de uma rede de sentidos, à constituição de um eu unificado, e ao plano de uma sexualidade complexa e genital. O não-acolhimento faria desta criança presa fácil da atração decompositora da pulsão de morte, o que levaria à tendência a fixação em funcionamentos regidos predominantemente pelas pulsões auto-eróticas, parciais e dispersas.

Neste ponto torna-se importante perguntar o que seria isto, a atração decompositora da pulsão de morte? Considero que o termo pulsão de morte não indica para o autor uma “natureza pulsional” diferenciada da pulsão de vida, e sim a dimensão silenciosa do pulsional, o espaço vazio de sentido psíquico, o desfazer dos laços e ligações libidinais com os objetos. Para tornar mais clara esta afirmação, vou me valer mais uma vez de suas formulações sobre as noções de pulsão de morte e pulsão de vida, que são concebidas como termos referentes às tendências a desligar e ligar. Ou seja, como modos de circulação das forças pulsionais, que atuariam no ser vivo alimentando uma dinâmica de forças.

Para Ferenczi, o circuito pulsional se faz através de desintrações e intrações e nestas oscilações dá-se um intervalo, um vazio ativo que impulsiona a uma nova ligação. Retomando a primeira experiência de satisfação, Ferenczi propõe que pensemos em uma criança que até então “só conhecia a si mesma, nada sabia da existência de coisas estranhas a ela, logo de sua mãe, não podia, portanto, ter sentimentos a respeito delas, nem bons nem maus” (FERENCZI, 1926/1990, p.397). A partir da experiência de privação, que leva à introdução de uma dimensão temporal (relacionada ao tempo de espera pelo atendimento), considera que...

“Era admissível que, em relação com a destruição fisiológica provocada pela ausência de alimentos nos tecidos do organismo, também se produzisse uma espécie ‘desintração pulsional’ na vida psíquica, que se manifesta, em primeiro lugar,

³ TUSTIN, Frances (1990, p.37) prefere usar o termo “auto-sensual” no lugar de auto-erótico, pois pretende reforçar a idéia de que a dimensão originária, pré-narcísica, designada por Freud em *Introducción del narcisismo*, é sobretudo uma dimensão sensória, corporal (Cf. TUSTIN, 1990, p.53).

por uma descarga motora descoordenada e por choro, modo de expressão inteiramente comparável às manifestações de cólera do adulto.” (idem, p.397)

Quando o objeto enfim se reapresenta, é recebido não mais com a indiferença e o desconhecimento anterior que caracterizam a posição auto-erótica, e sim como algo reconhecido como objeto de impulsos de amor e ódio. Estas tendências entrelaçadas oscilariam num movimento constante de ligação, desligamento, nova ligação e assim por diante, fazendo com que “a destruição seja a causa do devir” (idem, p.402). No entanto, se uma delas se sobrepõe demasiadamente à outra, instala-se um desequilíbrio nesse movimento. No caso da tendência ao desligamento, criar-se-iam fissuras e barreiras que dificultariam o estabelecimento de ligações simbólicas entre o corpo (o eu enquanto projeção de uma superfície corporal) e o mundo.

A criança mal acolhida estaria marcada pela não-ligação, e nela, o sexual, atravessado pela tendência à disjunção causadora de falhas na rede de associações e de significações, permanece fixado à repetição de satisfações auto-eróticas parciais. A permanência no plano da parcialidade se consumiria algumas vezes através de uma propensão ao aparecimento de perturbações respiratórias, como a asma brônquica, problemas circulatórios, anorexias, e outras formas autodestrutivas (FERENCZI, 1929/1992, p.50).

Podemos acrescentar que existem outras formas sintomáticas radicais que apontariam para a mesma origem, como as dissociações, as compulsões, as relações de adição a objetos e as depressões. Estas manifestações subjetivas, assim como as que se mostram nas doenças psicossomáticas, não são facilmente acessíveis à cura pela palavra e colocam um problema para o exercício da clínica psicanalítica.

Consideramos que o regime pulsional auto-erótico, em seu estado de dispersão e intensidades, é condição necessária, mas não suficiente, para a construção do “sentido erótico de realidade” (FERENCZI, 1924/1990).⁴ Para tal, é necessário experimentar a presença de um outro que sustente e aja como continente para este território de vazio ativo, de onde poderão emergir os planos de sentido. Esta seria a “nova ação psíquica que é preciso agregar às pulsões auto-eróticas primordiais para dar origem ao eu” (FREUD, 1914/1975, p.74). Ação que implica em uma tensão entre as forças que insistem na permanência

⁴ FERENCZI, S. (1924): da mesma forma que postulou o desenvolvimento gradual de um “sentido de realidade” articulado à constituição do eu, Ferenczi postula um sentido erótico de realidade que corresponderia à organização gradual do sexual através da transposição de um modo de erotividade (oral, por exemplo) para outro, criando uma rede de possibilidades de sensibilidades.

do regime auto-erótico do bebê, tendendo à dispersão, e a presença do adulto que traz em si um outro regime de eroticidade, que investe o bebê a partir de seu próprio regime narcísico, libidinal, lingüístico, envolvendo-o em um banho de sentido.

A criança mal-acolhida não é necessariamente a criança não desejada, e sim aquela que não é recebida e aceita em sua estranheza em relação ao mundo dos adultos. Assim, Ferenczi refere-se a situações em que... “Todos os indícios confirmam que essas crianças registraram bem os sinais conscientes e inconscientes de aversão ou de impaciência da mãe, e que sua vontade de viver viu-se desde então quebrada” (FERENCZI, 1929/1992, p.48-9). A chegada de uma criança produz sentimentos intensos carregados de fantasias, desejos e conflitos inconscientes, que nem sempre são realizáveis ou aceitáveis no plano existencial. Quanto mais estes afetos conflituosos são negados, rejeitados e ocultados, mais difícil será para o adulto acolher o ser estranho que ainda não faz parte do seu mundo e precisa dele como protetor, como iniciador na experiência das trocas afetivas e erógenas.

Uma breve ilustração clínica pode tornar mais clara esta afirmação: Uma mulher de cerca de 60 anos, diz que sua mãe sempre relatou a gestação como uma experiência maravilhosa, um estado de felicidade, energia e disposição. Esta gravidez parece ter tido um papel compensatório das perdas catastróficas ocorridas anteriormente em sua vida. Após o nascimento, a relação que se estabeleceu entre a mãe e a criança, no entanto, foi, segundo a percepção da filha, marcada pela decepção, pelo sentimento da mãe de perda da plenitude “grávida” de possibilidades. A ferida aberta pela separação do parto não pode ser cicatrizada por um investimento no bebê que nasceu desta gravidez. A relação de mãe e filha foi uma história de não-acolhimento, e esta criança cresceu “encolhida” sentindo-se sempre uma intrusa e um estorvo. Hoje, uma mulher adulta, esta ausência de acolhimento reflete-se em sua aparência, pois apesar de ser bonita, inteligente e capaz, seu olhar resvala e seu sorriso é hesitante, isto numa cabeça que insiste em se enfiar pelos ombros, como se estivesse se esquivando de uma pancada ou uma repreensão. Além disso, repete esta forma em suas relações afetivas e mesmo profissionais. Acaba sendo rejeitada de fato, em grande parte porque é incapaz de reconhecer os sinais de acolhimento e diferenciá-los de outros sinais, por exemplo, os de hostilidade. Ela é como que cega para as nuances dos sentimentos. Com isto, está sempre sofrendo por sua solidão, mantendo a posição de esquiva, evitando contatos, como se a intensidade deles pudesse ser perigosa.

Estes mesmos movimentos corporais e expressivos se apresentam na relação transferencial, produzindo no *setting* uma tensão constante por seus movimentos de aproximação e esquiva. Podemos considerar que para tornar possível este

atendimento, é necessário criar um campo de acolhimento que possa ultrapassar muito gradativamente o terror do contato. Isto implica numa disposição do analista em se tornar sensível aos sinais de esquiva emitidos por ela no plano dos afetos de vitalidade e que a mantêm sempre num estado de isolamento. Com isso, pode resistir ao convite transferencial para ignorá-la e não dar a resposta rejeitadora esperada, deixando aberta a passagem para uma outra forma de contato.

Podemos pensar que o pulsional, entendido como plano de forças dispersas, na ausência da ação efetiva e acolhedora do outro, dificilmente passaria da virtualidade para a potência de agir. Para que o eu surja (enquanto projeção de uma superfície corporal) e o narcisismo se constitua como eixo de organização subjetiva é preciso que se formem laços que vinculem indivíduo e ambiente de uma forma criadora. O investimento de objeto envolve sucessivos movimentos de investimentos e desinvestimentos. Sem um eu suficientemente investido pela libido narcísica, a ligação com o objeto se faz de modo frágil. Os objetos permanecem, então, como fantasmas a serem incorporados de forma compensatória pela via de uma realização aderente, que visa conter a sensação de uma hemorragia afetiva. O registro libidinal e erógeno, responsável pelas ligações criadoras de si e do mundo, permaneceria como uma dimensão por vir, como virtualidade não atualizada.

Considerando, portanto, essa dimensão como um vazio ativo, no sentido dado por Levy, propomos pensar a experiência terapêutica como atualização de marcas de prazer e de dor que põem a circular fluxos de força, no sentido de um devir erógeno.

Quando fazemos esta exposição, pensamos especialmente em algumas pessoas que nos procuram com uma enorme dificuldade para ligar significações, apresentando sintomas difusos e a predominância do agir, como se o sentido das coisas da vida estivesse desconectado. Buscam avidamente estas conexões nos objetos, nas coisas, mas não têm deles a dimensão de uma experiência, o que levaria a uma apropriação gradual pela via da introjeção. Em vez disso, vemos uma tentativa canhestra de incorporação de um sentido através da aderência a objetos ou a pessoas. Uma vida pobre.

Seu sofrimento não lhes aparece como uma indagação sobre si, mas leva-as a procurar soluções em algo que lhes seja externo. A medicina, em especial a psiquiatria biológica, em seu agenciamento atual com a tecnociência, com a biologia molecular, e mesmo com a genética, traz uma oferta mágico-científica quando relaciona tudo a uma ordem biológica desligada de qualquer imbricação subjetiva. Não se trata mais nem de um corpo/organismo, mas de hormônios, de sinapses e moléculas de DNA. O medo, a angústia e o desamparo humano transformaram-se em *síndrome do pânico, distímia, sociofobia*, entre outros *distúrbios do*

humor. As formas sintomáticas encontradas pelas pessoas em suas tentativas de fazer cessar sua miséria neurótica, como as compulsões (em suas formas mais díspares), também são explicadas a partir de mecanismos de regulação bioquímica do cérebro.

Do ponto de vista da experiência subjetiva, é diferente quando alguém diz “estou triste”, “estou sofrendo”, “estou deprimida”, “tenho medo”, ou “estou angustiada”, do que quando diz “eu tenho depressão”, “tenho distímia”, “sofro de síndrome do pânico”. Essas afirmações não trazem consigo nenhuma implicação subjetiva, não é preciso se questionar sobre a origem, os motivos e os destinos dos sentimentos, pois o que se diz e o que se sente não faz referências a sentimentos e sim a sensações, permanecendo na dimensão parcial das pulsões auto-eróticas. A pessoa se vê como acometida por algo que lhe é exterior e não por uma estranheza, pois esta não existe, já que o diagnóstico é certo. Nessas situações, vemos o corpo aparecer como um lugar de investimento sim, mas com a exigência da construção de uma forma homogênea, que perde suas marcas diferenciais, suas rugosidades, suas dobras, sua singularidade. O corpo regulado pelo discurso da biomedicina toma a cena com um papel claro e definido: ele é a fonte e o destino de todas as investigações, que remetem a uma exterioridade em relação à experiência subjetiva. A dimensão subjetiva e singular tenta, então, expressar-se através de modos de satisfação auto-eróticos, que se esgotam sem criarem campos de sentido. A própria dimensão do prazer passa a ser nebulosa, pois o que marca o prazer também é exterior à subjetividade. Acaba sendo reduzido à mensuração dos níveis de serotonina, dopamina, endorfina e o que mais seja.

Penso nos casos dos rapazes que tomam bomba para “criar corpo”, para “inchar” e se tornam “dependentes” disso (da imagem, da picada, da sensação) como de qualquer outra droga. Ou nas jovens (e não tão jovens) que se submetem a uma série de procedimentos e cirurgias para “esculpir um corpo” e também se tornam compulsivamente presas a esta possibilidade, querendo sempre mais um pouco (de silicone, de músculos, de menos gordura). É claro que há uma dimensão imaginária e identificatória nessas práticas, mas as questões identitárias apontam para uma tendência totalizadora, podem ser entendidas, nessa dimensão, como resposta defensiva a um sentimento de dissolução. Essas práticas e suas marcas, se fazem como atualidade, como cortes, picadas, inchaços, dores e medos, atuando pela sensação, numa busca de sentido. Como uma repetição, às vezes caricatural, das práticas de escarificação realizadas por alguns povos tribais em rituais de passagem. Mas, passagem de quê? O que se perde e se ganha nesses novos ritos?

Elas serão o que, essas pessoas? Narcísicas? Compulsivas? Fóbicas? Talvez estejam mais próximas daquilo que Ferenczi nomeou como clivagem narcísica,

na qual a experiência de si é fragmentada e um corpo parcializado toma a cena, adquirindo uma função auto-simbólica (FERENCZI, 1931). A clivagem difere do recalçamento como mecanismo de defesa, por não instaurar uma dinâmica na qual o recalçado sempre força para retornar. Pelo contrário, a clivagem instala um regime em que não há conflito, eliminando justamente os nexos afetivos entre ordens de sentido, entre marcas erógenas, entre modalidades do eu.

Pode-se dizer que a clivagem instaura e mantém um regime erótico cujo potencial de excitação permanece na dimensão problemática, como o vazio que clama por uma direção, repetindo indefinidamente uma ação, uma sensação. Existe uma dissociação entre o real e a experiência, fazendo com que o vivido se repita sem passar a integrar um senso de eu. A clivagem permanece, pois paira sobre o eu a ameaça de uma vivência de fragmentação e aniquilamento.

Na medida que essas pessoas permanecem nesse plano problemático, nomear o seu sintoma não nos leva a encontrar o caminho para recebê-los em tratamento, até porque o sintoma não aparece com essa densidade. É preciso ir além e buscar novas estratégias terapêuticas, buscar formas de dar lugar para que o estado de dissolução, sem privilegiar um determinado formato subjetivo que crie uma ordem definida a priori.

UM CORPO SENSÍVEL

Para intensificar a discussão sobre os movimentos subjetivos que atuam nos processos de cura, em especial quando se trata de questões que trazem a marca da clivagem e o risco de uma vivência de dissolução do eu, utilizarei a noção de “corpo sensível”, definida por José Gil ao trabalhar com o mundo heteronímico de Fernando Pessoa (GIL, s.d.). Esta noção implica em considerar certa dimensão da corporeidade em que há uma abertura para a dissolução da percepção, o que desestabiliza os estados conhecidos e reconhecíveis do mundo percebido — o eu e o outro. Equivale, assim, à disposição para uma certa dissolução do eu, entendido enquanto instância responsável pelas sínteses afetivas e cognitivas. A um primeiro olhar, este estado de dissolução pode parecer como algo da ordem de um sintoma dissociativo-histérico, ou mesmo como algo mais grave, uma psicose.

No entanto, como já foi visto, os trabalhos de Ferenczi, de Cyrulnik e de Stern, nos convidam a lançar um olhar para a dimensão criadora presente nesta forma de sensibilidade em que nos aproximamos dos aspectos emergentes e parcializados de nossa sensibilidade. Podemos, então, pensar que o corpo sensível, a que Gil se refere, se constrói no plano dos afetos de vitalidade, apreendidos como pequenas percepções — noção definida por Leibniz como

“...Essas pequenas percepções, devido às suas conseqüências, são por conseguinte mais eficazes do que se pensa. São elas que formam esse não sei quê, esses gostos, essas imagens das qualidades dos sentidos, claras na reunião mas confusas nas partes individuais, essas impressões que os corpos circundantes produzem em nós, que envolvem o infinito, essa ligação que cada ser possui com todo o resto do universo.” (LEIBNIZ; 1765/1992, p.8)

Gil, retomando esta noção em seu trabalho sobre a percepção estética, mostra que estar atento às pequenas percepções leva à dissolução da espessura ilusória de continuidade do eu, abrindo lugar para a presença de afetos descobertos, paradoxais, onde se experimenta uma multiplicidade de sensações. Isto leva “a sentir de outra maneira, sentir de todas as maneiras, devir outro” (GIL, s.d., p.70). “Sobretudo no primeiro momento da sua apreensão, as pequenas percepções surgem graças a uma experiência de choque (a advertência) que reenvia para a existência atual de algo” (GIL, 1996, p.109).

Devir outro não é tornar-se um outro, ou tornar-se o outro, no sentido de uma alienação, mas abrir-se para o outro, deixar-se atravessar por suas intensidades, sintonizando-se com as expressões de vitalidade, que são os ritmos, a intensidade dos movimentos, as tonalidades da voz, a atmosfera que cada um de nós cria a cada momento (REIS, 2000). A noção de “tato” ou “sentir com” (*Einführung*) proposto por Ferenczi (1928), assim como a “sintonia de afetos” definida por Stern como um “saber relacional implícito” (STERN et al., 2000), apontam na direção de algo que se passa de forma inconsciente fora do espaço da interpretação, produzindo mudanças percebidas posteriormente. Essas experiências se tornam possíveis se nos colocamos em aberto para as pequenas percepções que nos afetam como agulhões de inquietude, que nos espicam, e para os quais em geral não nos tornamos sensíveis.

No atendimento aos pacientes a que nos referimos, que apresentam um distanciamento entre o vivido e o sentido, o trabalho do psicanalista não poderia se resumir à posição do intérprete na escuta flutuante do discurso. Precisa se estender a uma “sensibilidade flutuante”, a um “olhar flutuante” (REIS, 2002). Olhar sensível, que não se limita a ver aquela superfície alisada, ou um ouvido que não se limita a ouvir uma palavra que se repete monotonamente, mas que se deixa atravessar pelas variações de tom e de ritmo da fala. O analista entraria num plano perceptivo sensível aos descompassos entre o *conteúdo* do que se diz e a *forma* como se diz.

O que estamos propondo não é uma mudança de atitude, no sentido de uma técnica mais pragmática ou mais ativa. Mas, somente que o analista busque, em seu trabalho, a intensificação do corpo e a abertura às forças presentes no mundo, deixando-se guiar pelo tato, ou seja, pela capacidade de sentir com o paciente.

Neste sentido, o analista pode devir sensível aos estímulos como o corpo auto-erótico do bebê é sensível às primeiras percepções diferenciais. Os sintomas transitórios, as atmosferas, as mínimas manifestações, só podem ser apreendidos nesta dimensão de pequenas percepções e é aí que eles produzem efeitos. Analista e analisando são afetados simultaneamente, embora ocupem lugares diferenciados (REIS, 2000).

Fruir, pela sintonia de afeto, desse estado emergente que se faz presente de modo sub-reptício na relação transferencial. Isto exige do analista a abertura para trabalhar na dimensão fragmentária da transferência em que, por um detalhe, um gesto, um cheiro, a cor dos cabelos, os barulhos que se faz, o ritmo de se mover, qualquer coisa, se dá a passagem de um tempo fixado na repetição para o plano da atualização das marcas erógenas, através de pequenas percepções que captam estas impressões ínfimas, inconscientes e inacessíveis à palavra. É preciso saber que, mais do que intérprete, ele será chamado a ser testemunha de uma dor, e, algumas vezes, a falar por ela.

É uma clínica de construções subjetivas, na qual o analista coloca-se como elemento catalisador e concebe o processo analítico (a relação transferencial) como processo subjetivador. Estamos sugerindo, portanto, que o auto-erotismo permanece como dimensão problemática, ou podemos dizer também, como experiência constitutiva de uma dimensão erógena, que se fixou em determinados pontos dispersos por onde se teve acesso a um mínimo de satisfação. Esses autores — Ferenczi, Stern e Gil — concebem a subjetividade como um fluxo incessante, como uma rede de processos dinâmicos formadores e dissolventes. Isto nos permite pensar a relação transferencial como um espaço em que se pode passar da potência ao ato, atualizando aquilo que subsiste no estado de virtualidade, abrindo espaço para inscrições de marcas mnêmicas que permaneceram clivadas.

Recebido em 3/9/2003. Aprovado em 3/11/2003.

REFERÊNCIAS

- ATLAN, H. (1989) *Entre o cristal e a fumaça*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BANTAM. (1967) *English dictionary*. Londres: Bantam Books.
- CYRULNIK, B. (1989) *Sous le signe du lien*. Paris: Hachette.
- _____. (1995) *Nutrir os fetos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- FERENCZI, S. (1991) *Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes.

- _____. (1912) “Sintomas transitórios no decorrer de uma psicanálise”, p.185-196.
- _____. (1990) *Psicanálise III*, São Paulo: Martins Fontes.
- (1924) “Thalassa: um ensaio sobre a teoria da genitalidade”, p. 255 a 325
- (1926) “O problema da afirmação do desprazer”, p.398-404.
- _____. (1992) *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes.
- (1928) “A elasticidade da técnica”, p.25-36.
- (1929) “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, p.47-51.
- (1931) “Notas e fragmentos”, p.235-284.
- FERREIRA, A.B.H. (1996) *Novo dicionário da língua portuguesa*. Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FREUD, S. (1975) *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu.
- (1905) “Tres ensayos de teoría sexual”, v. VII, p.109-222.
- (1914) “Introducción del narcisismo”, v. XIV, p.65-98.
- GIL, J. (s.d.) *Fernando Pessoa: a metafísica das sensações*. Lisboa: Relógio d’Água.
- _____. (1996) *A imagem nua e as pequenas percepções. Estética e metafenomenologia*. Lisboa: Relógio d’Água.
- LEIBNIZ, G. W. (1765/ 1992) *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Tradução de Luiz Jordana Baraúna. São Paulo: Nova Cultura, Coleção Os Pensadores.
- LEVY, P. (1997) *O que é o virtual?*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- PORTMAN, A. (1933/1993) “Um precursor da nova biologia”, in UEXKÜLL, J. v. *Dos animais e dos homens: digressão pelos seus próprios mundos: doutrina do significado*. Lisboa: Livros do Brasil.
- REIS, E. S. (2000) “De corpos, atos, afetos e palavras”, tese de doutorado IFF/Fiocruz (cópia xerox).
- _____. (2002) “Fenômenos transferenciais e potência de metamorfose”, in *Transgressões*, PLASTINO, C.A. (org.). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- _____. (1992) *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (1990) *O diário de um bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. et al. (1998/2000) “Mecanismos não interpretativos na terapia psicanalítica. Algo mais além da interpretação, in *Conformismo, Ética, Subjetividade e Objetividade*, Livro anual de psicanálise XIV — International Journal of Psycho-Analysis. São Paulo: Escuta.
- TUSTIN, F.(1990) *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- UEXKÜLL, J. v. (1933/1993) *Dos animais e dos homens — digressão pelos seus próprios mundos — doutrina do significado*. Lisboa: Livros do Brasil.

Eliana Schueler Reis
 Rua Marquês de Olinda 100/503
 22251-040
 esreis@ism.com.br